

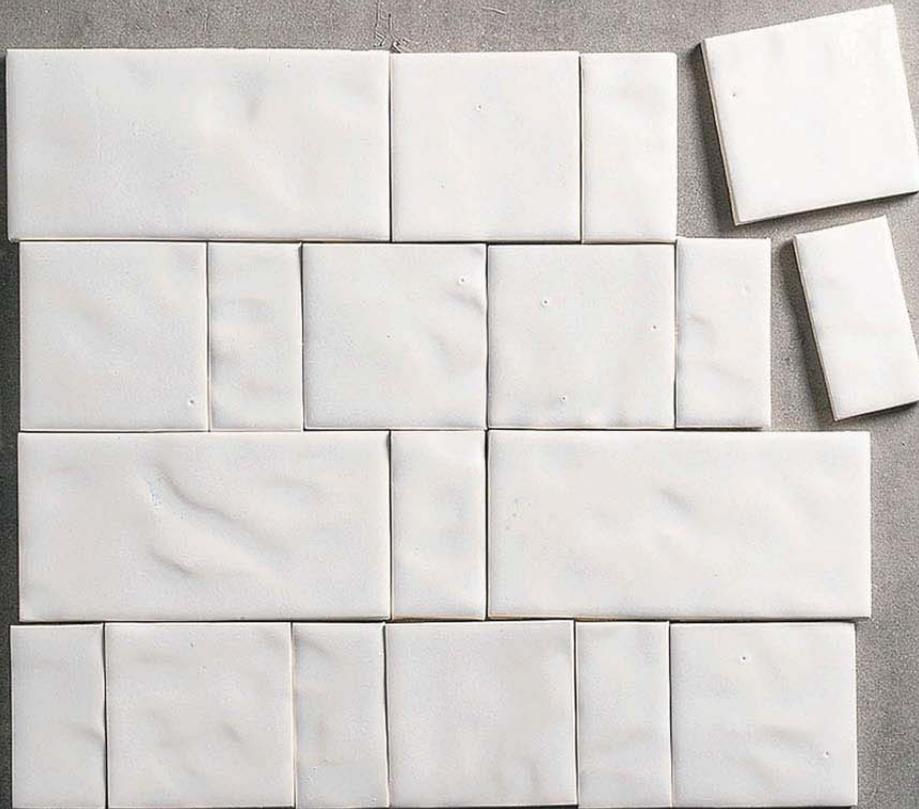


ID: 111520501

07-06-2024 | REVISTA E

"PESSOAS SEM VÍCIOS TÊM POUCAS VIRTUDES"

VÍCIOS



Partir a loiça toda

São 175 anos a forrar as nossas casas e obras públicas como as estações de Metro em Lisboa, quase outro tanto a apoiar artistas e artesãos na arte do azulejo e da cerâmica. A Viúva Lamego é das mais distintas imagens do 'made in Portugal'

TEXTO PATRÍCIA BARNABÉ

D.P.R.

VÍCIOS

As paredes são um arco-íris de pequenos quadrados de cerâmica, é o recanto da inovação e do desenvolvimento, a que chamam “a biblioteca das cores”, parece um ateliê solarengo de artista. “São 72 as cores, mesmo um pantone mais específico, é possível aqui”, explica Catarina Morais Cardoso, diretora de marketing da Viúva Lamego, numa curta visita à fábrica-ateliê, em Sintra. Aqui guardam as fórmulas de todos os tons alguma vez criados na produção de azulejos, de todas as tintas e de todos os vidrados. “O que nos distingue é sermos uma fábrica muito ligada à inovação e à arte”, comenta orgulhosamente. “São os artistas que nos desafiam a desenvolver novas técnicas, ainda que fiéis aos processos artesanais, que é o que muitos procuram, somos, ao mesmo tempo, um grande ateliê e uma grande fábrica onde se podem fazer projetos, peças e cores à medida ou a par das tendências.”

A Viúva Lamego é uma fábrica lisboeta e uma das primeiras fábricas de cerâmica portuguesa, nascida da oficina de olaria de António da Costa Lamego, fundada em 1849, no icónico edifício no Largo do Intendente, vestido a azulejos figurativos e naïf de Ferreira das Tabuletas, o então diretor artístico, e concluído em 1865. Costa Lamego morreu em 1876 e a sua viúva pegou nas rédeas da olaria e transformou-a numa pequena fábrica de objetos utilitários em barro vermelho, faianças e azulejos em barro branco. Nos anos 30 do século XX, os azulejos tornam-se protagonistas, a produção dá um salto industrial e muda-se para a Palma de Baixo, depressa se torna uma referência, para a qual muito contribuiu ser uma “fábrica de artistas” e os chamados “casulos”, espaços de colaboração próxima e assídua destes com os artesãos.

O primeiro a trabalhar na Viúva Lamego foi Jorge Barradas, depois Querubim Lapa, Maria Keil, Manuel Cargaleiro e Maria Emília Araújo, que espalharam os azulejos coloridos por Lisboa em inúmeras obras públicas e estações de Metro, acordando a capital do cinzentismo da ditadura. Lapa, por exemplo, assinou o revestimento de azulejos da estação de Metro da Bela Vista e dois painéis cerâmicos em relevo, ambos aplicados pela sua mão. Keil foi da segunda geração modernista e recuperou as técnicas antigas do azulejo, caídas no esquecimento desde o século XIX, pensou, entre outras, as estações de Metro dos Restauradores, onde seguiu os padrões clássicos da azulejaria do século XVIII, e depois encaixaram seis painéis de Nadir Afonso; a estação de Metro do Rossio, que ganhou mais tarde um painel de Helena Almeida, ou a de São Sebastião, inspirada nas árvores da Gulbenkian e melhorada pelo ateliê de arquitetura can ran, de Catarina e Rita Almada Negreiros. Cargaleiro instalou-se na Viúva Lamego em 1949, são dele os azulejos da estação do Colégio Militar, chamou-lhe “os grandes corredores azuis de Portugal”, uma ideia que levou para a estação de Metro que fez nos Campos Elisios, em Paris. E Maria Emília Araújo sempre se dedicou à pintura de grandes murais de cerâmica e painéis de azulejos cruzando temas portugueses e do continente americano, onde viveu, é presença na Viúva Lamego há quatro décadas.

As colaborações com artistas, que fizeram a sua história e a sua glória, estão assinaladas de forma informal numa linha do tempo que corre as paredes de uma grande sala. Remontam aos anos 1940 e, além dos já referidos, encontram-se referenciados Eduardo Nery e o seu grande painel da Infante Santo, em Lisboa, Almada Negreiros, Amadeo de Souza-Cardoso, Vieira da Silva, Júlio Pomar, José de Guimarães. Nas 25 mil peças que Joana Vasconcelos criou para o seu “Bolo de Noiva”, a maioria dos moldes são Viúva Lamego, e o projeto Trafaria Praia, que representou Portugal na 55ª Bienal de Veneza, em 2013, foi feito com a Viúva Lamego. Da *street art*, Add Fuel e Kruella d’Enfer são residentes na fábrica-ateliê, Vhils colabora regularmente e André Saraiva, francês de ascendência portuguesa, fez ali o seu mural junto ao Jardim Botto Machado. Alguns nomes maiores da arte e do design também passaram pela Viúva Lamego, é o caso de Ai Weiwei, Yayoi Kusama ou Jonathan Anderson da casa Loewe, e são visitas recentes “estrangeirados” como Benoit van Innis, que pensou a estação Maalbeck, em Bruxelas, e os franceses Hervé Di Rosa, Philippe Starck e Noé Duchaufour-Lawrance, que vivem em Portugal. Claro que também existe uma grande linhagem de arquitetos ligados à Viúva Lamego, de Rem Koolhaas, que usou os seus azulejos na Casa da Música, no Porto, aos nossos Pritzker Siza Vieira e Souto de Moura. O primeiro levou-os para os seus mais variados projetos, do Pavilhão de Portugal, em Lisboa, aos 21 brancos diferentes que criou para a Viúva Lamego. Também assinaram coleções os arquitetos Aires Mateus, João Cortes da Openbook, Miguel Saraiva da S+A, Correia e Ragazzi, Joana Astolfi e Nuno Grade da Nord.

A chegada do CEO Gonçalo Conceição à histórica fábrica de azulejos nacional “foi a sorte de estar no sítio certo à hora certa para fazer acontecer”, conta. Vindo da bolsa de valores e do mundo da banca de investimento e gestão de ativos, trabalhava 14 horas por dia, até que, num almoço, soube que a Viúva Lamego estava “nos cuidados intensivos”. “É uma marca nossa, de toda uma vida.” Comprou-a e a sua preocupação principal foi salvar a marca e “o seu enorme legado”, ao mesmo tempo que pressentiu o potencial que tinha em mãos. No primeiro dia trouxe uma equipa de informática para analisar o fluxo de e-mails, “todos os dias, havia pedidos de informação vindos de todo o mundo, Estados Unidos, Brasil, Austrália... A marca tinha mais tração internacional do que eu esperava, e a verdade é que hoje estamos em 30 países”. Mantive a estrutura e foi fazendo “a gestão das expectativas” junto da equipa, “a história e o *know how* estavam cá, foi dar um design à esta casa”. O seu sócio, Miguel Almeida Mendes, tratou da gestão comercial, “e as coisas foram acontecendo naturalmente”. Se perdeu o que investiu no primeiro ano, no segundo duplicou as vendas. “Ia a feiras internacionais, entregava cartões e dizia: ‘Tenho uma fábrica!’ Foi tudo boca a boca! E é claro que ajudaram as referências a nomes como Siza, Cargaleiro ou Joana Vasconcelos. Mas a verdade é que o nosso azulejo tem mais cores e mais transparência”, sublinha. Quis garantir que esta voltava a ser uma “fábrica para os artistas, os arquitetos e os designers de interiores, com muita sensibilidade estética e escala, para sermos concorrentes internacionais muito competentes na arte pública”.





HOMER CARDESO

A comemorar os 175 anos da Viúva Lamego, em abril renasceram os históricos “casulos” num programa de residências artísticas. Maria Emília Araújo e Manuel Cargaleiro, como Bela Silva e Hervé Di Rosa, mantêm ali espaços de criação permanentes, mas foi aberto um concurso para novos artistas e estudantes nas áreas da arte, design ou arquitetura, de qualquer idade ou nacionalidade, interessados em trabalhar com os artesãos da fábrica-ateliê durante um máximo de dez semanas. A ideia é imaginarem uma peça que comemore a data, com azulejos trabalhados em relevo ou pintados. “Todos os anos entrevistamos os melhores alunos de cerâmica da António Arroio, alguns fazem o seu estágio connosco. Abro as portas a quem quiser, e convidamos quem tenha experiência, precisamos de experiência”, diz o CEO.

Gonçalo Conceição acredita na arte pública, para a qual a azulejaria é uma vantagem, “não só estética, mas térmica, de limpeza, etc., e é uma integração das comunidades periféricas. Por isso, sempre se apostou nas estações do Metro que ligam as periferias ao centro da cidade. Se defendermos os artistas das comunidades, as comunidades vão defendê-las”. Orgulha-se de os painéis históricos da Viúva Lamego estarem pouco ou nada degradados, nem serem alvo de vandalismo. Agora, Maria Emília Araújo e Bela Silva estão a trabalhar em grandes painéis comemorativos, “que serão oferecidos”, um para o aeroporto do Rio de Janeiro, outro para uma exposição em Niterói. O CEO prometeu, ainda, oferecer um painel que celebre os 50 anos do 25 de Abril à cidade de Lisboa, que viu nascer a Viúva Lamego, e outro “mais fantasista” à vila de Sintra, agora a sua comunidade.

Também inaugura em outubro (até ao fim do ano) no Museu Nacional do Azulejo, em Lisboa, uma exposição dividida em três momentos: um pensado a partir da coleção permanente do museu, que atravessa a história da azulejaria; outro dedicado ao grande momento da arte pública portuguesa, que compreende os anos 50 até 1998, ano da Expo; e por fim “o designio e visão da Viúva Lamego, do presente como do futuro, onde vão estar expostos 20 a 30 artistas, dos novos aos consagrados, vindos de grandes instituições ou das ruas”. Antes disso, podemos encontrar trabalhos de Bela Silva e Noé Duchaufour-Lawrance, feitos na Viúva Lamego, na segunda edição do Lisbon by Design, a inaugurar a 22 de maio, no Palácio Gomes Freire, em Lisboa.

A Viúva Lamego mudou-se para Sintra em 1998. Aqui trabalham cerca de 50 pessoas que dividem corredores e salas poeirentas e pilhas de objetos coloridos. Observam-se todas as fases de corte, secagem, forno, vidragem (os azulejos mais ecológicos têm apenas uma monocozedura), e a pintura à mão. Nas salas recolhidas e bem iluminadas veem-se os artesãos debruçados sobre a sua arte, o Fernando, a Rosa e a Belinha pintam azulejos na fábrica-ateliê há perto de 50 anos. Gonçalo Conceição não se cansa de sublinhar o “legado”, o “portefólio” e um historial que quer ainda “mais robusto”. Diz que todo o destaque deve estar no trabalho dos artistas, sobretudo no dos seus artesãos: “Foram eles que agarraram a empresa numa altura difícil e é a qualidade do seu trabalho que tudo consegue.” ●

COLABORAÇÕES DA VIÚVA LAMEGO



D.R.

AIRES MATEUS

O material escolhido pelo arquiteto Aires Mateus foi o grés, pelas suas características técnicas de resistência a temperaturas extremas, como o gelo. Adequado para espaços interiores e exteriores.



D.R.

BELA SILVA

Autora de várias obras produzidas na Viúva Lamego, como o painel de azulejos para a estação de Metro de Alvalade, e os painéis para o Sakai Cultural Center's Gardens no Japão e para a Escola João de Deus, nos Açores



CHRIS COSTA

VHILS

Pormenor da Exposição Fractal na Delimbo Gallery, em Sevilha, Espanha, 2022



D.R.

AI WEIWEI

“Odyssey Tile” é a recriação da obra “Odyssey” de 2016 feita em azulejos com artesãos portugueses da fábrica